



Clara vai à marte



Após resolver o grande mistério do desaparecimento das árvores de açaí, Clara, a destemida capivara investigadora, recebeu um convite especial dos seus novos amigos marcianos: visitar Marte para ensinar a eles um dos maiores tesouros da cultura terrestre — a arte de fazer caipirinha. Afinal, nada mais justo do que retribuir o aprendizado sobre o açaí com algo igualmente revolucionário.

No dia marcado, uma nave espacial pousou à beira do rio Amazonas. Clara, com sua mala recheada de limões, cachaça, açúcar e um espremedor (afinal, improvisado tem limite), embarcou em sua primeira viagem interplanetária. Na chegada a Marte, foi recebida com pompa e circunstância pelos marcianos, que haviam decorado a entrada da base com um banner escrito em português mal traduzido:

"BEM VINDO, CAPIBARRA! CAIPI AQUI NOS ESPERA!»

Clara ignorou o erro (afinal, ela sabia que era difícil para quem tem antenas entender sotaques) e foi direto ao ponto: "Tá bom, meus amigos, vamos começar a aula antes que vocês tentem botar areia marciana na bebida, hein?"

Os marcianos, animados, se reuniram ao redor de uma mesa redonda na base marciana, onde Clara começou a aula com um ar professoral.

A Aula de Caipirinha

"Primeiro de tudo, meus queridos antenados, o que é essencial para uma boa caipirinha é RESPEITO pelos ingredientes!" disse Clara, enquanto erguia um limão. "Este aqui é o limão, a estrela do show. NÃO substituam por aquelas frutas esquisitas que vocês têm aqui, tipo... sei lá... essa coisa roxa brilhante que parece uma gelatina radioativa!"

Os marcianos acenaram energicamente, anotando tudo em tablets flutuantes. Um deles levantou uma antena e perguntou:

"Podemos usar o líquido verde explosivo de Marte no lugar da cachaça?"

Clara quase derrubou o espremedor.

"Explosivo? Vocês querem que a caipirinha seja uma bebida ou uma arma de destruição em massa?! Sem essa, meus queridos. A cachaça é sagrada! Vou deixar um estoque pra vocês, mas prometo ensinar como plantar cana na próxima visita.»

Quando chegou a hora de macerar os limões, um marciano com três braços começou a esmagar os coitados como se estivesse compactando entulho. Clara gritou:

"Ei, calma aí! É pra macerar, não assassinar! O limão tem sentimentos... ou pelo menos o suficiente pra amargar a bebida se você judiar demais dele.»

O Resultado Final

Após algumas tentativas catastróficas (incluindo uma caipirinha que acendeu por conta própria), Clara finalmente conseguiu que os marcianos seguissem o processo corretamente. Quando deram o primeiro gole, os marcianos ficaram boquiabertos (literalmente — suas bocas se abriram até o equivalente a uma pizza média).

"CAPIBARRA! ISSO É... FENOMENAL!" disse o líder marciano, que imediatamente declarou a caipirinha como a bebida oficial do Planeta Marte. Clara corrigiu:

"É *capivara*, viu? Com 'v', de 'vem fazer direito na próxima vez'.»

Os marcianos, agora devidamente alcoolizados, começaram a improvisar uma dança que parecia uma mistura de forró com giros descontrolados de gravidade zero. Clara apenas assistia, balançando a cabeça.

"E pensar que eu achava que as capivaras da Terra sabiam fazer bagunça... esses caras me superaram."

A Revolução da Caipirinha em Marte

Depois de alguns dias de convivência regada a limões e gargalhadas, Clara decidiu voltar à Terra, mas não sem deixar um legado. A base marciana foi renomeada para "Base Caipirinha 1" e, como gesto de amizade interplanetária, os marcianos prometeram plantar árvores de limão em Marte. Clara advertiu:

"Ó, só não exagerem no açúcar, hein? Vocês têm tecnologia avançada, mas caipirinha doce demais nem a NASA perdoa."

Ao voltar à Terra, Clara foi recebida como heroína. Agora, além de investigadora, era embaixadora da cultura brasileira em Marte. A história da capivara que ensinou os marcianos a fazer caipirinha virou lenda — e, dizem as más línguas, os marcianos já estão trabalhando numa versão de caipirinha cósmica que brilha no escuro.

Moral da história: até no espaço, uma boa caipirinha pode unir universos.